

## A Senhora Holle (FRAU HOLLE)

Uma viúva tinha duas filhas, das quais uma era bonita e aplicada, a outra feia e mandriona. Mas ela gostava muito mais da feia e mandriona porque era a sua verdadeira filha, e assim a outra tinha que fazer todo o trabalho e ser a borralheira da casa. A pobre menina tinha que sentar todos os dias na rua junto a um poço e pôr-se a fiar, tanto que até lhe sangravam os dedos. Um dia aconteceu que a roca de fiar ficou cheia de sangue. Ela inclinou-se sobre o poço e quis lavar a roca na água: escapou-se-lhe da mão e caiu lá para dentro.

Chorando, correu para a madrasta e contou-lhe aquela desgraça. Ela ralhou fortemente com a criança e foi tão impiedosa que lhe disse:

«Deixaste cair a roca, então tens que ir lá buscá-la!»

A menina foi de novo ao poço e não sabia o que fazer: e naquele enorme medo ela deu um salto para dentro do poço para ir buscar a roca. Perdeu então os sentidos e, quando voltou a si, viu-se num lindo prado, onde o sol raiava e à volta dela estavam muitos milhares de flores. Foi andando pelo prado e chegou diante de um forno cheio de pão a cozer. O pão gritou então: «Ah, tira-me daqui, tira-me daqui, senão pego fogo: há muito que já estou cozido.» Ela chegou lá e com a pá tirou cá para fora os pães um a um, até ao último. Depois continuou a andar e chegou a uma árvore carregada de maçãs. E a macieira disse-lhe: «Ah, abana-me, abana-me, nós, as maçãs, já estamos todas maduras» Então ela abanou a árvore, e as maçãs caíram como se fosse chuva. Continuou a abanar até que nenhuma ficou lá em cima; ela colocou-as todas em monte e – trabalho feito – prosseguiu o seu caminho. Finalmente chegou a uma casinha. De uma janela olhava uma velha; dado que ela tinha dentes muito grandes, a menina ficou com medo e quis fugir dali para fora. Mas a velha gritou para ela:

«Mas de que tens medo, minha querida criança? Fica comigo; se fizeres bem todo o teu trabalho, se puseres a casa em ordem, isso só será bom para ti. Em especial toma atenção quando fizeres a minha cama, sacode bem o edredão, para que as penas possam voar, então cai neve no mundo... Eu sou a Senhora Holle.»

O tom amável e as palavras bonitas da velha reconfortaram o coração da menina, que aceitou entrar ao seu serviço. Ela desempenhou as suas tarefas com satisfação por parte da velha. Sacudia-lhe o edredão da cama sempre com muita força, tanto assim que as penas voavam à volta como se fossem flocos de neve; por outro lado, a criança tinha uma boa vida; não ouvia uma palavra má e todos os dias havia cozido e assado.

Mas quando a menina ficou um certo tempo em casa da Senhora Holle, aos poucos e poucos entristeceu e de princípio nem sabia mesmo o que lhe faltava; finalmente deu-se conta de que era a saudade. Ela sabia bem que aqui era mil vezes melhor tratada que na sua casa, mas

sentia a necessidade desta. Finalmente disse-lhe:

«É uma desgraça na minha casa. Mas ainda que eu passe tão bem cá em baixo, não posso ficar por aqui mais tempo. Tenho que voltar lá para cima para os meus.»

«Agrada-me que estejas desejosa de voltar para a tua casa - disse a Senhora Holle. E porque tu me serviste tão fielmente, eu mesmo vou levar-te lá cima.»

Pegou-lhe na mão e levou-a até diante de um portão monumental, cujos batentes estavam abertos. No momento em que a menina ia a passar, caiu uma chuva de ouro sobre ela, e todo o ouro lhe ficou pegado, envolvendo-a inteiramente.

«Isto dou-te eu, porque foste tão aplicada e diligente – disse a Senhora Holle, entregando-lhe a roca de fiar que tinha caído no fundo do poço.

Depois, o portão fechou, e a menina achou-se no mundo lá de cima, não longe da casa da sua mãe. Quando chegou ao pátio, o galo, empoleirado sobre o poço, começou a cantar:

*Quiqueriqui!*

*A menina do ouro está de novo aqui...*

Ela chegou até à sua mãe, e porque estava assim coberta de ouro, foi bem recebida por ela e também pela meia-irmã. A menina contou tudo aquilo por que passara, e quando a mãe ouviu de que maneira ela conseguira aquela grande fortuna, a sua única ideia era de que a sua filha feia e mandriona tivesse a mesma sorte. Então, esta teve que se sentar junto ao poço e fiar; e para que a roca ficasse com sangue, teve que picar os dedos e arranhar a mão em espinhos. Depois ela lançou a roca para dentro do poço e saltou também tal como a irmã fizera. Viu-se – como a outra – no lindo prado e prosseguiu pelo mesmo caminho. Quando ela chegou ao forno, o pão voltou a gritar: «Ah, tira-me daqui, tira-me daqui, senão pego fogo: há muito que já estou cozido.» Mas a mandriona respondeu: «Olha-me esta, como se eu tivesse vontade de me sujar...», e foi-se. A seguir ela chegou à macieira, que gritou: «Ah, abana-me, abana-me, nós, as maçãs, já estamos todas maduras.» Mas ela respondeu: «Mas que ideia essa, uma das maçãs podia cair-me em cima da cabeça», e continuou o caminho. Quando chegou diante da casa da Senhora Holle, não ficou com medo dela pois já tinha ouvido falar dos seus grandes dentes, e pôs-se logo ao seu serviço. No primeiro dia tudo correu bem, ela mostrou-se zelosa e obedeceu à Senhora Holle, sempre que lhe dizia qualquer coisa, pois pensava no muito ouro que ela lhe iria oferecer; no segundo dia, porém, começou a fazer-se preguiçosa, no terceiro dia ainda mais, até mesmo já não se queria levantar da parte da manhã. Também já não fez a cama à Senhora Holle como devia ser, e não sacudia o edredão de modo que as penas voassem. Não tardou que a Senhora Holle se cansasse daquilo e despediu-a. A filha mandriona mostrou-se radiante, pensando que agora viria a chuva de ouro; a Senhora Holle conduziu-a até ao portão, mas quando a filha passava debaixo dele, em vez de ouro, caiu-lhe

em cima o conteúdo de uma caldeira cheia de pez.

«Esta é a recompensa pelos teus serviços!», disse-lhe a Senhora Holle e fechou o portão. A preguiçosa chegou então a casa, mas coberta de pez dos pés à cabeça, e o galo, empoleirado sobre o poço, quando a viu começou a cantar:

*Quiqueriqui!*

*A menina suja está de novo aqui...*

O pez ficou colado a ela e ao longo de toda a sua vida nunca mais despegou.